



LISBOA VINTAGE
APAIXONADOS POR
HISTÓRIA, FOTOGRAFIA
E DESIGN DE MODA DO
INÍCIO DO SÉCULO XX
JUNTARAM-SE
EM FEVEREIRO
NUM COLETIVO



TENDÊNCIA

Vidas vintage

São cada vez mais as pessoas que se rendem ao charme das décadas mais recuadas do século XX. Seja por opção estética, por gostarem da música de então ou pelo *glamour* da época, há várias gerações que vivem quase como se estivessem noutra tempo

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF** (TEXTO) E **JORGE SIMÃO** (FOTOGRAFIAS)

FESTA LINDY HOP

ESTA DANÇA, ORIGINÁRIA DO HARLEM, NOVA IORQUE, NOS ANOS 20 E 30, ESTÁ CADA VEZ MAIS EM VOGA EM PORTUGAL. ENSINA-SE EM VÁRIOS SÍTIOS. NA FOTO, FESTA NA GALERIA ZÉ DOS BOIS, EM LISBOA



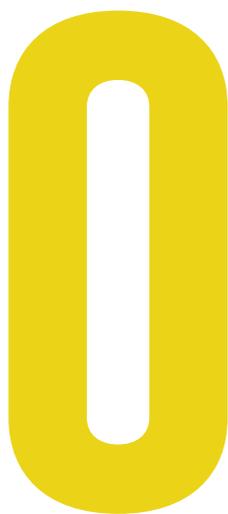
NÁDIA DOMINGOS

FORMADA EM DESIGN DE MODA, ASSUMIU O VINTAGE NO DIA A DIA QUANDO TINHA 17 ANOS





**CARLOS SILVA
E SARA VARGAS**
O CASAL NA LOJA
DE ROUPA ÀS DE
ESPADAS. FORAM
ELES QUE LANÇAM
AS FESTAS
VINTAGE COM
DJ E SHOW
DE BURLESCO



Os lábios carmim prendem a atenção. Na casa de Mafalda, em Campo de Ourique (Lisboa), construída nos anos 50, sentimo-nos como num filme de época. Chet Baker toca suavemente na aparelhagem, o sofá Olaio, o design tradicional do Estado Novo, ocupa o centro da sala, marcada pelo papel de parede *vintage* e o aparador anos 40, com “pés de palito”, pelo qual se apaixonou. Pousada em cima, uma jarra Bordallo Pinheiro. No quarto, os retratos das avós, em molduras brancas, dão o tom. A cama, de cabeceira forrada a tecido, o toucador *art déco*, com o banco estampado de igual, e o guarda-vestidos dos anos 40 completam a decoração.

Para Mafalda Carvalho, 24 anos, *freelance* de comunicação e *web designer*, o gosto pelo *vintage* veio do apreço pela qualidade e pelo conhecimento histórico. “Tenho uma profissão estranha para quem vive parada no tempo, eu sei”, graceja. A casa de Mafalda é, literalmente, a cara dela. O seu mundo é feito de saias rodadas, ro-

los de cabelo que transforma em penteados impecáveis, objetos de design, padrões e revistas da década de 50.

É impossível passar despercebida na rua. A forma como se veste e penteia atrai inevitavelmente para uma personagem de filme. Os mais velhos elogiam, os mais novos estranham. Mafalda não se atrapalha. Há muito que se habituou a assumir a diferença. “Fui sempre uma miúda ‘esquisita’”, conta. “Aos 10 anos, lia romances policiais dos anos 40, livros do Blake & Mortimer. Enquanto os outros brincavam com consolas, eu lia, fazia desporto, dançava ballet e tocava violino. O meu pai, sociólogo, sempre encorajou a leitura e nunca nos deu educação de ‘miúdas.’”

Aos 12 anos, Mafalda já era *hippie*. Depois, foi *rockabilie*, depois ainda “Lolita gótica” (uma subcultura japonesa marcada pelo *anime* e pela moda vitoriana, em que os seguidores se vestem como bonecas de porcelana). “Na faculdade (licen-

ciou-se em Línguas e Literaturas, na Universidade Nova de Lisboa), era tão olhada de lado que cheguei a andar à pancada por faltas de respeito. Tenho direito a ser quem sou e os outros não têm nada a ver com isso”, declara, assertiva.

Identifica-se com a estética delicada do *vintage*. Isso, e as viagens frequentes a Londres, onde tomou contacto com as lojas de roupa, levaram-na a assumir o modo de vestir. “Sinto-me bem assim”, conta ela, que escolheu como padrão a década de 50. “Gosto de valorizar a estética em todos os aspetos da minha vida diária. E acho importante honrar os objetos que já existiam, que até têm mais qualidade que os atuais. Adoro o estilo ‘Português Suave’ (arquitetura dos anos 40 e 50 em Portugal), mas todo o posicionamento político do Estado Novo não tem nada a ver comigo. Nem os valores da dona de casa prendada. Sou superindependente e feminista!”

Inês Castelo, 23 anos, vizinha de Mafalda, elegeu a década de 40.

NAZARÉ E EDUARDO PINELA SÃO OS "PAIS" DO VINTAGE EM PORTUGAL, QUE INICIARAM NOS ANOS 80



Os caracóis ruivos impecáveis, as sobranceiras desenhadas, o bâton vermelho dão-lhe um perfil de diva cinematográfica. Com um mestrado em arqueologia, é atualmente maquilhadora. Chegou à estética *vintage* há dois anos, depois de uma “fase Lolita” e outra de cabelo rapado. “Desde miúda que gostava muito de História. E sempre me senti diferente, mais madura. Gosto muito da moda dos anos 20, as linhas muito geométricas, mas é difícil encontrar roupa desta fase em Portugal. Por isso, escolhi os anos

40, que também adoro.” Inês vive na casa que era dos avós (dos anos 30), que mantém com o papel de parede original e decorada com objetos em segunda mão. “Gosto muito de viver em 2013, desde que possa conciliar isso com o passado.”

O que leva raparigas na casa dos 20 anos a ficarem fascinadas por décadas tão longínquas, que elas não viveram? A estética, o *glamour*, os objetos da época, a música. Foi por esta razão que nasceu, em fevereiro, o Lisboa Vintage (lisboavintage.com), um guia online em

que ambas participam e no qual se podem encontrar todas as informações relacionadas com o tema, colocadas e tratadas por sete colaboradores. Com exceção de um deles — Sofia Quintas, fotógrafa fascinada por História —, o coletivo anda na casa dos 20 anos. Têm formação superior, quase todos têm tatuagens relacionadas com a estética dos marinheiros e do circo; quase todos têm blogues. Gostam de cinema *noir*. Uns desenham roupa ou acessórios, outros são dj de música *vintage*.

Basta estar minimamente atento para perceber que o *vintage* está de volta. Seja em séries de televisão — como “Mad Men”, “Pan Am”, ou “Boardwalk Empire” —, em campanhas publicitárias, como uma recente da Martini, ou até em certos filtros usados em aplicações como o Instagram, há um revivalismo associado ao *glamour* da primeira metade do século XX. Filmes como “O Grande Gatsby” ou a reedição de “Vertigo”, de Hitchcock, com atores de primeira linha

como Anthony Hopkins, Helen Mirren e Scarlett Johansson, atestam essa tendência crescente. Assim como o regresso de numerosas bandas de música para concertos únicos (Heróis do Mar, Mler lfe Dadá, Resistência). Na moda, o *vintage* também é bem visível — este verão tem sido marcado pelos anos 60, o inverno passado foi marcado pelos anos 20, com grandes cadeias, como a H&M, a surfarem essa onda, ou marcas de maquilhagem, como a Benefit ou a Too Faced, a assumirem essa estética nas suas campanhas.

A IMPORTÂNCIA DOS AVÓS

Miguel Monjardino é o único rapaz do grupo. Com 20 anos, finalista de Design no IADE (Lisboa), tem um visual irrepreensível: cabelo puxado para trás, com brilhantina, barba aparada, sapatos da Nunes Corrêa, casaco com botões, que combinou com uma T-shirt moderna. “Identifico-me com a qualidade do *vintage*, acho que isso se perdeu, em detrimento do consu-

O que é uma peça *vintage*?

Vintage é uma palavra anglo-francesa usada pelos enólogos a partir do séc. XVIII para designar um ano de boa colheita de uvas, que favorecia o surgimento de um vinho de exceção. Nos últimos anos, a palavra foi adaptada, num contexto diferente, para melhor definir um objeto de um estilo pertencente a outra época, nomeadamente das décadas de 1920 a 1980. O requisito de uma peça para ser considerada *vintage* é ter pelo menos 20 anos, representar uma época ou uma moda, ter um estilo próprio ou de designer, não ter sofrido qualquer transformação e estar em bom estado.



MAFALDA CARVALHO
NO VISUAL E NA CASA,
A MENTORA DO
SITE LISBOA VINTAGE.
DE 24 ANOS, ADOTOU
A ESTÉTICA DOS
ANOS 50



NUNO GOMEZ
MÚSICO DE VÁRIAS
BANDAS VINTAGE,
É MAIS CONHECIDO
NO ESTRANGEIRO
(ONDE DÁ CONCERTOS
HÁ MAIS DE 10
ANOS) DO QUE
EM PORTUGAL

mismo. Menos é mais.” Os avós de Miguel foram determinantes na evolução do seu gosto. “Eles tinham uma perfumaria, e o meu tio-avô uma retrosaria em Rio Maior. Trabalhei lá todos os verões e nas férias da Páscoa, dos 15 aos 17 anos. Lembro-me do metro de madeira, das estantes com tecidos empilhados, dos botões.” Esses dois negócios antigos, ligados ao comércio e à moda, foram a semente que viria a germinar.

Depois da primeira viagem a Paris, Miguel descobriu a moda e perdeu-se nas lojas antigas. Ainda hoje faz três a quatro desenhos por dia, num caderno de esboços, inspirados na elegância de Balenciaga ou Dior, casas onde gostaria de trabalhar.

Também Nádía Domingos — nome artístico “La Mermaid” — entrou no universo *vintage* através da moda. A sua figura é marcante, com o cabelo platinado, envolvido num turbante azul, o sinal no canto do olho direito, que usa desde os 18 anos, o piercing no nariz e as ta-

Roteiro vintage

Eventos

- **Festas Lindy-Hop** Galeria Zé dos Bois, Rua da Barroca, 59, Bairro Alto, Lisboa
- **Festival Great Shakin' Fever** anual, a agendar no Porto
- **Festas Cais Sodré Cabaret** por todo o país
- **Concertos das bandas rock** Mean Devils e TT Syndicate, por todo o país

Bares

- **A Paródia (Cocktail Bar)** Rua do Patrocínio, 26, Campo de Ourique, Lisboa
- **Old Vic** Travessa Henriques Cardoso, 41-43, Alvalade, Lisboa
- **Povo** Rua Nova do Carvalho, 32-36, Cais do Sodré, Lisboa
- **Botequim do Largo da Graça** Largo da Graça, 79, Lisboa
- **Plano B** Rua Cândido dos Reis, 30, Porto
- **V5** Rua Mártires da Liberdade, 216, Porto

tuagens a povoar-lhe o corpo. É uma espécie de anjo tatuado, com voz e personalidade doce, beleza clássica, e as 17 tatuagens — o maior desgosto da avó. “Sempre gostei de coisas antigas, de ir para casa da minha avó e experimentar os óculos dela, de me deliciar com as fotografias antigas. A roupa é uma velha paixão, daí o Design de Moda. Aos 13, 14 anos, comecei a pesquisar na internet. Fui parar ao *vintage* dos anos 80. À medida que fui crescendo e sentindo-me mais segura, comecei a comprar peças mais femininas. Com 17 anos, vim viver para Lisboa e assumi o meu estilo. Também comecei a costurar — como a minha mãe, avó e bisavó”, conta. Hoje, Nádía tem uma linha de acessórios de joias *vintage* criada por ela, a Crystals to Dust, e gostava de ser *designer* de moda. Imagina-se a criar linhas *vintage*, já que, confessa, na atualidade, nada a inspira.

Assumir a diferença nem sempre é fácil. “Nos transportes públicos, na rua, até no trabalho,

as pessoas olham muito. Às vezes irrita-me, não tenho uma lata de Coca-Cola na cabeça!” Conta que uma vez, uma colega de Design de Moda de Cascais lhe perguntou se ela não tinha “vergonha de sair assim à rua”. Fazer amigos não foi óbvio para Nádía, que era tímida. A “turma” do Lisboa Vintage, onde ficou encarregue das produções e editoriais de moda, acabou por tornar-se num grupo de amigos precioso.

O VINTAGE COMO MODO DE VIDA

São 9h30 da manhã na histórica vila de Sintra. De um Buick preto de 1946 sai uma perna inteiramente tatuada, dentro de uma meia de rede. A mulher é ruiva, magra e não muito alta. O condutor sai um minuto depois, cabelo puxado para trás, com brilhantina, roupa anos 50. É impossível não se destacarem da multidão. Chamam-se Nazaré e Eduardo Pinela e estão habituados a chamar a atenção. Não que esse seja um objetivo, mas foi

INÊS CASTELO
FORMADA EM
ARQUEOLOGIA,
É MAQUILHADORA.
FASCINADA PELOS
ANOS 40, CRIOU
UMA LINHA DE ACES-
SÓRIOS VINTAGE



sempre assim. Desde a juventude que são *vintage*, quando o *vintage* ainda nem se chamava assim. Foram os primeiros em Portugal a assumir este modo de vida.

Para os Pinela, de 48 e 49 anos, “tudo começou pela música”. Na Escola António Arroio, onde se conheceram, com 18 anos, Eduardo já integrava bandas de música. Ouvia-se Sex Pistols, punk-rock dos anos 70, eram os anos de Vi-

viennne Westwood na moda. Ele era punk, Nazaré vestia de preto. Em 1983, ela foi viver para Londres. “Precisava de sair daqui”, desabafa. A capital inglesa “era um sonho. Aceder aos grupos musicais preferidos, à roupa, à abertura do país...” Viveu lá cinco anos, e assumiu o *vintage* no dia a dia. Comprava roupa no Flea Market de Londres, no Marché aux Puces, de Paris, em Bruxelas. “Nos anos 80, não

se falava de *vintage*. Era uma cultura de segunda mão. “Hoje, está tudo à distância de um clique, na internet. No outro dia, Nazaré comprou uma coleção de sapatos de uma judia alemã, da altura da Segunda Guerra Mundial. “Gosto de imaginar as vidas das pessoas a quem pertenceram estas roupas”, partilha. Lutar pela diferença foi algo de que nunca abriu mão. “Cheguei a ser espancada na rua por ci-

ganos. Sempre tive de batalhar para ser aceite.”

Foi em Londres que Nazaré fez a primeira das numerosas tatuagens que lhe revestem o corpo, deixando apenas a cara livre. “Tenho tatuagens que simbolizam o meu marido, os meus filhos, e quatro pessoas muito importantes para mim.”

Quando voltou a Portugal, passou a integrar as bandas musicais de Eduardo, primeiro como voz de *backup*, depois a tocar baixo. Um dos grupos mais conhecidos em que participou foi Capitão Fantasma, de que ambos fizeram parte de 1988 a 1992. O filho mais velho do casal, de 22 anos, andava com eles na estrada e absorveu muita daquela cultura. O conhecimento musical que tem hoje deve-se aos tempos vividos naquele ambiente boémio.

Para Eduardo, o interesse pela música chegou cedo, na infância. Depois veio o punk-rock, o rock'n'roll. A “qualidade” deste som é o que ele destaca. “Tivemos muita sorte em viver os anos 80. Foram tempos de grande criatividade em Portugal”, diz Nazaré. “As bandas que surgiram nessa altura eram todas muito diferentes”, reflexo do fervilhar da época.

ATÉ OS CARROS SÃO ANTIGOS

Para eles, a experiência no grupo Capitão Fantasma acabou porque já eram pais e precisavam de se sustentar. Uma década mais tarde abriram a loja de tatuagens Bang-Bang, ainda hoje uma extensão do seu modo de vida. Em pleno centro de Sintra, tem imensa procura, devido “à qualidade do serviço, modéstia à parte”, diz Eduardo. O casal tem cinco carros *vintage*, o mais antigo de 1946 (um Buick americano do pós-guerra) e o mais recente de 1977, uma “carrinha pão de forma”, além de um Chevrolet azul-bebé dos anos 50. Tiveram de construir uma garagem à medida, porque os carros não cabiam lá dentro.

Eduardo e Nazaré acreditam

que a tendência do *vintage* vai continuar a crescer, “pela nostalgia do que era bonito e tinha qualidade, mas também por alguns valores que se perderam. A educação, a integridade, não ser promíscuo, o não serem tudo facilidades”.

PORTO, A CENA MUSICAL

Pedro Serra e Nuno Gomes são dois dos protagonistas da cena *rockabilly* em Portugal, mais conhecidos no mundo do que no retângulo luso. É com um misto de ironia e nostalgia que Nuno fala dos inúmeros concertos que já deram pela Europa, pelos EUA e pelo mundo, onde têm muito público, e como, por cá, nunca passaram uma canção deles numa rádio nacional.

Aos 36 anos, baterista em quatro bandas *rockabilly* — 49 Special (existente desde 2000), Mean Devils (2001), The Chargers (2007) e TT Syndicate (2012) —, Nuno esboça um sorriso sempre que ouve um anúncio na rádio de uma banda portuguesa que vai ao estrangeiro dar um concerto, quando eles já o fizeram centenas de vezes sem qualquer cobertura nacional. “Nos EUA, tocámos quatro vezes costa a costa, em Los Angeles, Las Vegas, Nova Iorque e New Jersey. Na Bélgica e na Alemanha temos plateias de 5000 pessoas. Em Portugal, por vezes temos 30.” Não foi por acaso que o último CD dos 49 Special foi lançado na Bélgica. “No fim do concerto, vendemos 400 unidades. Já toquei em quase todos os países do mundo, e aqui ninguém sabe quem somos”, lamenta Nuno.

O cabelo com brilhantina, as patilhas, as tatuagens, tudo nos remete para o universo *rockabilly*. Mas o baterista garante que a imagem não é uma preocupação para ele e recusa ser reduzido a uma caricatura. Aos 15 anos, começou a interessar-se por *rock’n’roll* — e pelo “Rei Elvis”. Aos 16 fez a primeira tatuagem, uma *pin-up*, entretanto soterrada debaixo de outras. “Os anos 50 e 60 foram as décadas em que quase tudo foi inventado na música. Jazz, blues, tudo apareceu

- **Armazém do Chá** Rua José Falcão, 180, Porto
- **Galerias de Paris** Rua Galeria de Paris, 56, Porto

Roupa

- **Feira da Ladra** Mercado de Santa Clara, Graça, Lisboa
- **Víuva Alegre** Rua da Assunção, 19, Baixa, Lisboa
- **Ás de Espadas** Rua Luz Soriano, 18, Bairro Alto, Lisboa
- **Be Vintage** Rua Almeida e Sousa, 51A/B, Campo de Ourique, Lisboa
- **Maria Gonzaga Guarda** Roupas Estrada dos Prazeres, 57-59A, Campo de Ourique, Lisboa
- **Rosa Shock** Rua do Almada, 225, Porto
- **Ornitorrinco** Rua do Almada, 325, Porto
- **Trash Vintage e Zareca’s** Story Centro Comercial Bombarda, Rua Miguel Bombarda, 285, Porto

Mobiliário

- **Remar** Rua Possidónio da Silva, 60A/B, Campo de Ourique, Lisboa
- **Casa Péllys** Rua Tomás Anunciação, 62B/C, Campo de Ourique, Lisboa
- **Sótão** Pátio do Tijolo, 1, Príncipe Real, Lisboa
- **Loja Antiga** Rua Andrade, 8A, Anjos, Lisboa
- **YoYo** Rua do Arco a São Mamede, 87A, Príncipe Real, Lisboa
- **Arquivo** Praça da República, 38, Porto

Música

- **Groovie Records** Rua de São Paulo, 252, Cais do Sodré, Lisboa
- **Discolecção** Calçada do Duque 53A, Bairro Alto, Lisboa
- **Carbono** Rua do Telhal, 6B, Lisboa
- **Louie Louie** Rua Nova da Trindade, 8A, Chiado, Lisboa
- **Trem Azul** Rua do Alecrim 21, Cais do Sodré, Lisboa
- **Matéria-Prima** Rua da Picaria, 84, Porto
- **Zona 6** Rua do Almada, 448, Porto

nesta altura. Se posso ir beber às raízes, porque tenho de ouvir os *usedâneos?*”, questiona.

O vocalista dos Mean Devils, Pedro Serra, 39 anos, integrou uma das primeiras bandas *rockabilly* portuguesas, os Tennessee Boys, em 1987. Chegaram a viver dois anos no Colorado, EUA, com uma proposta de gravação de uma produtora discográfica de Denver. “Grávamos 80 faixas, fomos à televisão, saímos nos jornais. Mas ao fim de três LP, os vistos caducaram e tivemos de regressar à Europa, onde andámos em digressão durante dois anos e meio, numa sucessão de concertos”, conta. Em 1998, a banda terminou. E Pedro entrou na indústria farmacêutica — onde faz carreira há 16 anos, mantendo a música como paixão em *part-time*. Canta, compõe, toca bateria e guitarra.

REI ELVIS E BRILHANTINA

O amor ao som vem desde pequeno. Os pais inscreveram-no numa escola de música, e aos 7 anos, tocava órgão e acordeão. “Nas férias, passavam filmes do Fred Astaire, do Gene Kelly, do Elvis Presley, na televisão... Aquilo mexeu comigo. Pedi aos meus pais para me comprarem um disco do Elvis.” Pedro fixou-se no *rock’n’roll*. Aos 12 anos encomendava discos como se não houvesse amanhã. “Só em 45 rotações, tenho 3000 discos em casa, e de 78 cerca de 200”. Pelos 14, 15 anos, “houve um revivalismo do *rock’n’roll* em Portugal, e abracei o

lifestyle. Adotei a brilhantina, a roupa”. De há uns meses para cá, encontraram um clube no Porto, o R&B Hot Club, para dar concertos e festas *vintage* com dj e bandas convidadas. “Como é um estilo musical que já não se ouve muito, têm tido muita procura”, asseguram.

CABARET E BURLESCO

Foi esse mesmo impulso que levou Sara Vargas (“Señorita Scarlett”) e Carlos Silva (“Carlos Deluxe”) a criar as primeiras festas *vintage* no nosso país, com dj, burlesco e banda convidada. Estávamos em março de 2007, e a ideia era poder ouvir mais música *vintage* para lá do *rockabilly*. “Do swing dos anos 30 ao *rock’n’roll*, do mambo ao chachachá ou à surf music dos anos 60”, queriam trazer novos sons à noite lisboeta. Depois, vieram as bailarinas e surgiu o Cais Sodré Cabaret, em que meninas vestidas à anos 50 faziam coreografias inspiradas nos filmes antigos e no cinema *noir*, com um toque de *show burlesco*.

Durante três anos, foi possível vê-las no palco do Maxime. Participaram em festivais internacionais, em Espanha, alguns dos quais Sara e Carlos frequentam a título pessoal. Gostavam de ter mais público, para poderem trazer a Portugal mais bandas internacionais. Mas veem o interesse crescente do público pelo *vintage* como um bom indicador. A tendência parece ter vindo para ficar. E durar... ●

revista@expresso.impresa.pt



PEDRO SERRA
INTEGROU UMA DAS PRIMEIRAS BANDAS ROCKABILLY PORTUGUESAS, OS TENNESSEE BOYS, QUE VIVERAM DOIS ANOS NOS EUA, ONDE CHEGARAM A GRAVAR